

CB
26/5/98
463

WARÊMÊ ZA'RA — NOSSA PALAVRA CONTA A HISTÓRIA DO ÍNDIO PELA BOCA DO ÍNDIO E RESULTOU DE TRÊS ANOS DE PESQUISAS NAS COMUNIDADES INDÍGENAS DE SÃO PAULO, GOIÁS, MINAS GERAIS E MATO GROSSO

A VOZ DO POVO XAVANTE



Teresa Albuquerque
Da equipe do Correio

SÃO PAULO — NA PRIMEIRA VEZ QUE UM AVIÃO SOBREVOU A ALDEIA DE PIMENTEL BARBOSA, NO MATO GROSSO, OS XAVANTES FICARAM APAVORADOS COM O BARULHO. SEM SABER O QUE FAZER, ESCONDERAM OS FILHOS E TENTARAM DEFENDER O TERRITÓRIO COM FLECHAS E BORDUNAS. FOI EM 1946.

Na revista *O Cruzeiro*, o jornalista David Nasser contava como as palhas das malocas tremiam, sacudidas pela ventania. E como uma “cara de índio” apareceu diante dele, sem borduna, “aquele selvagem, agitando as mãos fechadas, à altura do rosto crispado”.

Serezabdi e Sereñimirâmi estavam lá, entre os homens que tentavam flechar o avião. Passados 50 anos, com outros três velhos xavantes (Sereburã, Hipru e Rupawê), eles contam sua versão da história em *Wamrêmê Za'ra* — *Nossa Palavra: Mito e História do Povo Xavante*, organizado e traduzido

pelo Núcleo de Cultura Indígena e publicado pela Editora Senac.

Para o lançamento do livro, semana passada em São Paulo, Serezabdi e Sereñimirâmi, que nunca haviam saído da aldeia, entraram pela primeira vez num avião. Queriam ver como era por dentro aquilo que achavam bonito por parecer um pássaro, e ao mesmo tempo assustador, pelo barulho. E gostaram da viagem. Mas levaram quase 52 anos para isso.

Com 180 páginas, *Wamrêmê Za'ra* conta a história do povo xavante, suas lendas e tradições, os 50 anos de contato com o branco. Os relatos, reunidos em 40 horas de gravações, são dos cinco índios mais velhos da aldeia de Pimentel Barbosa: Sereñimirâmi, Hipru, Rupawê, Sereburã e Serezabdi.

“É difícil falar de idade porque eles não têm registro, classificam-se por gerações. Podem ter 70, 80 ou 90 anos”, diz Cristina Simões Flória, uma das coordenadoras do projeto. “Sentados em frente ao microfone, eles foram narrando o que achavam mais importante para o branco saber quem é o povo xavante. A preocupação era esta: que fossem respeitados como povo verdadeiro.”

É assim que o povo xavante se autodenomina: A'uwê Uptabi, “povo verdadeiro”. São cerca de 9 mil pessoas, vivendo em 55 aldeias, em sete reservas no Mato Grosso. Conhecida como Pimentel Barbosa, a aldeia Etêñiritipa fica na Reserva Rio das Mortes, próximo às cidades de Canarana e

Cascalheira. Ali vivem aproximadamente 400 pessoas, em 25 casas dispostas num semicírculo — foi na abertura dele que apareceu, em 1946, o primeiro avião, o “homem branco”.

Em Pimentel Barbosa, ao lado de Angela Pappiani (a outra coordenadora), Cristina Flória colheu os depoimentos dos cinco xavantes nos últimos três anos. Reunidas as fitas, Jurandir Siridivê Xavante levou quatro semanas traduzindo o livro. Para revisar o texto, Paulo Supretaprã Xavante fez quatro viagens a São Paulo, onde fica o Núcleo de Cultura Indígena.

Foram três anos de conversas, registros, pesquisas, coleta de imagens, confecção de mapas e desenhos (o livro traz desenhos feitos pelos próprios índios sobre as lendas e o cotidiano). Foram nove viagens da equipe — quase 40 mil quilômetros rodados nas estradas de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

Mas a história do livro tem pelo menos 12 anos — tempo em que o Núcleo de Cultura Indígena, organização não-governamental criada por um índio, Ailton Krenak, vem trabalhando com comunidades indígenas. Pimentel Barbosa é uma dessas comunidades, e não estará retratada apenas em livro. *Wamrêmê Za'ra* faz parte do projeto *Xavante — 50 Anos de Contato*, que inclui documentário (em fase de finalização), exposição fotográfica, e apresentações de canto e dança.

“É um trabalho único porque é a história do ponto de vista indígena”, acredita Cristina. “É muito bonito

também para eles, que têm a tradição oral e querem mostrar para os outros a sua história. Tentamos transportar a riqueza das narrativas para o livro, traduzir o mais próximo possível da narrativa tradicional. Mas é difícil. Eles têm todo um ritual para transmitir essas histórias. São sons, gestos, olhares...”

“Quando um velho xavante conta uma história, ele se transforma”, dizem as coordenadoras, no texto de abertura do livro. “Transporta quem está ouvindo para um tempo mágico. Traz para o presente os ancestrais mágicos que criaram todas as coisas. Incorpora sua força.”

Sereburã é o primeiro dos cinco velhos xavantes a falar. Com a história na memória, ele começa a contar como vivem os xavantes. “Que vocês possam ouvir minha palavra, enquanto eu ainda estou vivo. Que vocês possam me ver, que seus filhos possam ver os meus filhos, para que se mantenha viva a força da criação. Estou aqui com a verdade, para doar o mais verdadeiro de minha tradição. E isso dói no meu coração. Me traz dúvida e dor. Porque não sei se vocês vão ser capazes de compreender o que eu trago para compartilhar.”

SERVIÇO

WAMRÊMÊ ZA'RA — NOSSA PALAVRA: MITO E HISTÓRIA DO POVO XAVANTE
Relatos de cinco índios xavantes. Livro organizado e traduzido pelo Núcleo de Cultura Indígena. Editora Senac, 180 páginas. Preço: R\$ 35,00.

■ Leia mais na página 3.

TRECHO

“Antigamente o povo A'uwê vivia na escuridão.

Antes da lua. Antes do sol. Os waptê estavam assando ovos de ma. Comendo. Waptê têm respeito, dizem a verdade entre si.

— Como vocês quebraram os ovos de ema?

— Nós quebramos batendo com os ovos no peito.

— Eu não acredito.

— É verdade! É verdade.

Eles não falam a verdade. Não falam. Ovos de ma assados são muito quentes. É muito quente! Por isso eles inventaram...

Mesmo não acreditando, o waptê bate com o ovo no peito. Então quebra.

Ele grita de dor.

— Asu ruru... Asu ruru...

Corre para o rio. De mão fechada. Grita de dor. Está gemendo. Ele se joga na água para esfriar o peito. Ele melhora, fica em pé. Ele se transforma em lua.

A lua é branca. Brilha como ovo de ema.

É assim que surgiu a lua.”

Obs: ma = ema
waptê = meninos na fase pré-adolescente